

Museologia e Inovação Social

Pedro Pereira Leite –Centro de Estudos Sociais

Universidade de Coimbra

Resumo

O artigo tem como objectivo analisar a relação entre a museologia social e a inovação social. A partir da interrogação sobre o que é a museologia deve propor como leitura das principais transformações que estão a ocorrer nas sociedades contemporâneas, procuramos articular os desafios de construção de uma museologia inovadora. A partir da museologia social como proposta de encontro, analisamos as possibilidades de construção da inclusão social, a produção de novas narrativas sociais inclusivas e as oportunidades de criação de iniciativas emancipatórias no campo do empreendedorismo social.

Abstract

The article aims to analyze the relationship between social museology and social innovation. From the question of what is the museology should propose to read the major transformations taking place in contemporary societies, we seek to articulate the challenges of building an innovative museology. From the social museology as proposed meeting, we analyze the possibility of building social inclusion, the production of inclusive narratives and creation opportunity emancipatory initiatives in the field of social entrepreneurship

Palavras-chave: Museologia Social, Inovação Social, Encontro, Transição, Empreendedorismo

Key-words: Social Museology, Social Innovation, creativity, Transition, Entrepreneurship

Museologia e Inovação Social

Qual é o lugar do conceito de Inovação Social no âmbito da museologia social é a questão orientadora desta discussão. Neste últimos anos olhamos com alguma incredulidade para a história dos movimentos sociais e verificamos que novas formas de organização, novas ideias e novos protagonistas da ação social estão a surgir. Os protagonistas destes movimentos transportam novas formas de organização social e mobilizam novas formas de trabalhar a memória social que ocupa o espaço público. A questão da inovação também é acalentada pelas organizações económicas, com um argumento base de que se trata duma das formas de enfrentar os processos de globalização. É certo que esta inovação no campo da economia traduz mais uma preocupação pelos processos de produção de bens e mercadorias, do que das formas de organizações que servem de base a essa produção. A questão implica no entanto perguntar, se as pressões para a inovação no campo na produção, induzem ou são induzidas por pressões na esfera do consumo. Pressões que induzem ou são resultantes de processos de transformação social.

Ao aceitarmos uma conexão na relação entre o que se passa na economia e os movimentos sociais somos obrigados a procurar entender de que forma a museologia está a trabalhar a questão da Inovação Social. O debate sobre a questão da Inovação Social, que propomos trabalhar neste artigo poderia situar-se na velha oposição da sociologia entre tradição e modernidade. A tensão entre a conservação, que seria um campo de trabalho sobre a tradição, contrapor-se-ia à questão inovação, que seria um campo de trabalho sobre a modernidade. Argumentaremos que esta tensão deve ser assumida na museologia como uma ferramenta de trabalho. Paralelamente à questão da conservação e salvaguarda dos objectos socialmente significativos, a museologia também trabalha sobre a produção de inovação social, produzindo objectos socialmente qualificados. Essa produção processa-se no encontro da memória com o real. Os museus e os processos museológicos, entre as várias configurações sociais são locais que podem facilitar esse processo de encontro entre os seres humanos consigo mesmo e com os outros. Esse reconhecimento de si e dos outros pode ser uma base para experimentar os processos de inovação social e empresarial.

Para que serve a museologia

Como é do conhecimento geral a 23ª conferência Geral do ICOM, que se realizou em 2014 no Rio de Janeiro, Brasil, teve como tema geral Museus: memória e criatividade produzem mudança social. Um tema ousado na sua proposta de indução de transformação, mas que na América do Sul é uma questão relevante para a vida de muitos museus. Nesse encontro um dos key note speakers, o colombiano Jorge Melguizo, fez uma intervenção com o tema geral “o que deve acontecer quando você sai dum museu?”¹ É necessário, para compreender o alcance desta intervenção, ter em conta a forte dinâmica social gerada na Colômbia, quer em Bogotá quer em Medellín, na geração de intervenções públicas para a resolução do conflito que resulta da questão do narcotráfico e outros movimentos sociais insurgentes. Grosso modo a sua intervenção

dedica-se a comparar o que é o museu e o que deveria ser. É uma proposta que nos desafia como profissionais da museologia a pensar no desenvolvimento do trabalho museológico em função do que são as expectativas do visitante. À questão, do que se espera quando se entra no museu, sucede uma outra sobre o que acontece quando estamos no museu. Finalmente propõe-se a reflexão sobre o que sucede quando saímos dum museu. Entre a expectativa do que se procura e aquilo que foi encontrado na experiencia Jorge Melguizo faz uma revisão sobre os princípios que devem orientar o museólogo no seu trabalho. Princípios que produzem um deslocamento do seu trabalho como “construtor de narrativas” um papel que lhe é tradicionalmente reservado, para um papel de mediador ou facilitador de encontros, mais próximo dum perfil dum “comunicador educador”.

O museu, diz-nos Melguizo, serve fundamentalmente para fazermos perguntas. Perguntas pertinentes e relevantes para o que vivemos e fazemos nos sítios que habitamos. Interrogamos o que está no museu para nos orientarmos nos caminhos que queremos construir. Será isso que quer dizer a definição de museu “*instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite*”ⁱⁱⁱ Entre o que nos propõe Melguizo e a definição institucional há uma naturalmente um diferença. Uma diferença que tem mais a ver com a maneira como se aborda o processo museológico do que com a forma organizacional que assume.

Propor que a função do museu seja um espaço de encontro e de questionamento pode estar contido na missão do serviço à sociedade e do seu desenvolvimento. Uma proposta que nos é lançada a partir duma perspectiva de educação e estudo, e porque não de deleite. Todos sabemos a importância que tem o jogo nas aprendizagens (Read, 2007) e (Vigotsky, 2009) pelo que mesmo em lazer é fundamental que o questionamento esteja presente como forma de consciência e reconhecimento.

Ora se assim é seria natural que as perguntas sobre o que nos sucede quando saímos do espaço museológico possa sentir que estamos capazes de entender o que é que esse museu nos deu. O importante do museu não é o souvenir que trouxemos da loja, mas sim aquilo que nos tocou. Aquilo que entendemos sobre o que o museu nos propôs e qual é o sentido da narrativa que apresentou.

Poderá suceder que para muitos um museu não tenha que estar preocupado com essa questão. Poderá apenas cuidar de apresentar uma proposta expográfica e esperar que cada um encontre nessa proposta as interrogações que queira fazer, não cabendo ao museólogo estar preocupado com isso. Será uma posição legítima. Mas não anula o fato de que também essa proposta é uma narrativa construída por alguém. Uma história contada que tem também um sentido. No final todos esperamos que o tempo gasto e o espaço que visitamos nos dê alguma coisa. Nos sirva para algo e nos tenha transformado.

Mas será isso que está acontecer nos nossos museus. A maioria das visitantes acabam por relatar que a sua experiência no espaço museológico não é uma experiência de encontro. O espaço do museu oprime. Intimida o visitante, criando uma distância entre os objectos. Os museus são espaços sem vida. Sacralizados como se substituíssem aos espaço sagrado, sem vida. A proposta de um museu ativo, inovador, é uma proposta de um museu com vida. Um museu como espaço de criatividade. Um museu onde possamos sentir o pulsar do quotidiano.

Esse tipo de museus e espaço museológicos, para se constituírem como espaço de inovação necessitam de ser transformados. Um processo que não será fácil, mas que constitui um desafio que devemos assumir como missão. Um desafio que devemos assumir com as pessoas que visitam o museu e com as pessoas que vivem nos espaços onde o museu se encontra. A vontade de museu deverá partir da organização da comunidade. Essa proposta de Jorge Malguiso é também uma proposta de resinificação da palavra museus. Nesse sentido Museu não é apenas um espaço de conservação de património mas é também um espaço de construção dos patrimónios. E este é o sentido de criação de inovação no espaço museológico. A construção de novos patrimónios a partir do encontro.

Essa opção do museu como espaço de inovação ao invés do museu como espaço da tradição é uma opção de gestão. Obriga a programar as actividades em função dessa opção e a formar os seus profissionais para que estejam aptos a assumirem-se como mediadores no espaço do museu.

A constituição do espaço museológico inicia-se normalmente com um conjunto de objectos. Durante muito tempo o desafio do conservador de museu era constituído por desenvolver tarefas de manutenção dos objetos (curador significa cuidar de) e organizar exposições com esses objetos. A montagem de exposição para além das questões de natureza estética (ficar bem no espaço) e de segurança (ficar dentro duma vitrina) e de investigação (sobre a sua autenticidade e significado) deverá apresentar uma narrativa. Uma narrativa que podias ser sincrónica ou diacrónica. Isto é os objectos ilustram uma comparação entre objetos (para demonstrar semelhanças ou diferenças) ou ilustram uma evolução.

A inovação como proposta museológica, sem rejeitar o acervo tradicional, nem a riqueza das técnicas expositivas e de conservação, coloca desafios ao museólogo que passa a trabalhar como mediador entre o mundo dos objectos e o mundo das comunidades que são servidas pelo museu. O museólogo deixa de estar dentro das paredes dos museus para se assumir como aquele que leva o pulsar do mundo para dentro do museu e procura, com base nos recursos disponíveis responder aos desafios desse museu.

O museólogo como mediador dos objectos patrimoniais é um facilitador dos encontros dentro do espaço museológico. Esse novo desafio de um museólogo como agente de inovação social não é mais do que um desafio de gestão. É também uma oportunidade

de construir novas narrativas com e a partir das comunidades. Essa nova museologia coloca em diálogo a ética e a estética, a partir duma retórica de inovação.

A construção de novas narrativas a partir dessas colectas na comunidade tem permitido que surjam museus mais inclusivos. Sobretudo no mundo ibero-americano, mas também no mundo dos ecomuseus e museus de comunidade no México, no Canadá, em Itália ou na Índia, uma nova museologia tem vindo a ser praticada, de forma inovadora a partir da resposta às questões que são colocadas pelas comunidades. O museólogo como mediador passa a estar em contato com as comunidades e procura incessantemente perguntas que deverão ser respondidas pelos processos museológicos.

Ao sair para as comunidades à procura dessas perguntas que reflectem o pulsar do mundo, e ao propor uma museologia como espaço de encontro o museólogo está a construir uma museologia inovadora. Uma museologia é que o território é o espaço de cidadania e a comunidade é o principal ator social. A curadoria dos objectos é agora feita através de processos participativos, os saberes das comunidades são mobilizados para as acções preventivas, e as narrativas são construídas em processos de encontro.

Uma museologia inovadora não escamoteia contudo que a memória é um campo de tensão social. Há indubitavelmente uma luta pela memória. O museólogo ao intervir na comunidade, ao assumir-se como mediador de inovação social reposiciona-se também como ator social. Já não é aquele que detém um saber específico que lhe permite tomar decisões de legitimação, para passar a ser um ator que partilha experiências e saberes com a comunidade. A chave do seu posicionamento passar a ser a sua capacidade de gerar encontros como processos de construção de acção social. Espaço de encontro que não tem que ser necessariamente inovadores, mas sobretudo espaços de encontro onde se possam testar os processos de inovação. Os espaços museológicos ganham assim uma função de laboratório social onde se podem experimentar ou testar modos de fazer.

Em síntese, a proposta duma museologia inovadora para Jorge Melguizo deixa de ser aquela museologia que se preocupa com a pergunta do que deve ser um museu, para passar a ser o que é que sucede quando se sai do museu. Um museu inovador é um museu que produz transformação nos que o visitam. Um museu deve inebriar os sentidos.

A transformação que ocorre nos museus inovadores

Um museu que produz transformação permite a que cada um que saia do museu a resposta à pergunta: sobre o sentido desse museu e sobre a sua orientação. Quem usa o museu como espaço de encontro tem consciência que o **Património** não é o apenas o que se tem mas sobretudo o que se pode fazer com ele. Através dum museu inovador a partir da sua proposta como espaço de encontro podemos ter uma consciência mais nítida sobre o que queremos construir. A cultura não é o que sabemos mas o que somos capazes de fazer para viver. De que forma somos capazes de usar os que nos foi legado para transformar.

Através do desafio de criar processos museológicos inovadores e de assumir os espaços museológicos como locais de experimentação a inovação social assume-se como uma combinação de possibilidades. O novo emerge do velho como algo que o supera. A inovação emerge da repetição. Não há uma receita para criar a inovação social senão a prática de actividades sociais á procura das melhores soluções para os problemas. Toda a actividade social acaba por ser uma forma de resolução de problemas. A resolução do problema da fome, da segurança, do reconhecimento do outro, de melhorar a organização social, de escolher os caminhos e as opções.

Nessa perspectiva os espaços museológicos enquanto espaços de encontro e interrogação não podem deixar de se questionar sobre os sentidos da transformação social. É nessa interrogação de poderão emergir formas de inovação nos processos de musealização e nas respostas às questões contemporâneas das comunidades. O que é que está a mudar no mundo. Que mudanças estão a acontecer à escala local e a escala global. O museu é também a possibilidade para este encontro entre o local e o global. Os desafios da globalização são também desafios locais e pode vezes, o pensar globalmente ajuda a pensar o local.

Apenas para abordar algum do potencial que as questões da globalização colocam aos estudos do património. Noutro local já abordamos algumas destas questões no campo patrimonial (Leite, 2013). Nos últimos anos temos vindo a aprofundar a reflexão neste domínio através do projecto de Investigação “*Heranças globais. A inclusão dos saberes das comunidades no desenvolvimento integrado dos territórios*”ⁱⁱⁱ. Um projecto que procura dar voz aos processos de mudança que incidem sobre os patrimónios e heranças em diferentes comunidades locais envolvidas em processos de globalização. Um projecto que procura reunir reflexões, disseminar visões e apresentar propostas de trabalho. Neste projecto temos vindo a procurar os grandes desafios que o mundo enfrenta para procurar comparar e verificar o seu reflexo nos problemas das comunidades locais analisadas. Com a investigação já concluída encontramos-nos agora na fase de trabalhar os resultados.

Nesse trabalho verificamos que em várias das comunidades analisadas e em vários dos processos museológicos que encontramos se verifica uma preocupação com as formas de gestão na transição para um novo paradigma existencial. Uma procura duma nova forma de relacionamento entre a humanidade e a natureza. Para muitos destes atores locais, alguns articulados em redes com outras comunidades, é necessário procurar uma transição nos paradigmas do uso da energia, dos materiais, da agricultura e da cultura e educação. Essa busca de alternativas deverá ter por base uma consciência em relação aos limites do ser humano, do planeta e do local onde se vive, dos recursos necessários para assegurar a alimentação das comunidades e os vários serviços necessário, tais como saúde, educação, assistência aos necessitados, a segurança e a comunicação entre os diferentes pontos do espaço bem como assegurar a troca de ideias e conhecimento através das plataformas de educação e comunicação. O novo paradigma, paralelamente ao uso individual dos recursos deverá ser equilibrado pela reflexão sobre os seus usos

sociais. Envolve essa reflexão a necessária adequação da estrutura económica e administrativa que hoje vivemos entre o individual e o social.

A sustentabilidade do processo de transição dum paradigma de consumo individual com base no carbono (a fonte de energia predominante é o petróleo e o carvão) para um novo paradigma (com base em energias renováveis e na ciência) implica o aproveitamento de oportunidades e explorar de soluções possíveis. Implica experimentar fórmulas alternativas através da construção de cenários. Fazer a transição é aplicar novos modos de fazer, para procurar o que emerge como novo.

O mundo actual vive um paradoxo de difícil resolução. Todos sabemos os limites aos processos que estão a ser desenvolvidos na exploração e uso dos recursos disponíveis. Há uma aceleração e mundialização na exploração das matérias-primas, as florestas estão em acelerada destruição, os sistemas agrícolas com base nos agro-químicos deixam pesados rastros ambientais, sabemos que há alteração climáticas que produzem degelo nas terras frias e fenómenos de cheias e desertificação em vários pontos do planeta. Sabemos que essas são ameaças, que embora não sejam consensuais, mostram algumas vulnerabilidades potenciais a prazo. Independentemente do carácter mais ou menos alarmista destas questões, sabemos que existe um risco, um risco possível. A única maneira que temos de enfrentar esse risco é procurar criar inovação. Inovação na produção, inovação na organização social. Aproveitar as oportunidades é antecipar as necessidades do sistema. Se o mundo é visto com um sistema, a inovação consiste em procurar aproveitar as oportunidades geradas pelas necessidades desse sistema.

Sabemos que o mundo não é nem pode ser analisado com um sistema fechado. Provavelmente uma boa parte daquilo que hoje antecipamos como problemas do futuro não se venham a efectivamente a emergir, ao mesmo tempo que haverá certamente soluções que irão ser descobertas e que hoje não antevemos. Mas também sabemos que a diversidade do mundo é uma das suas principais riquezas. A diversidade ambiental, natural, biológica, cultural são formas potenciais de respostas que devemos manter como opções. Daí a sua relevância como matéria-prima para os processos museológicos inovadores. Os saberes locais são potenciais pontos de partida para a produção de inovação social.

Compreender os desafios globais e a sua confrontação com os desafios locais é uma das propostas para esta museologia de transição em busca da inovação social. Procurar formas sustentáveis de construir uma saúde e um bem-estar colectivo, de assegurar a segurança alimentar, assegurar um sistema de eficiência energética, assegurar um uso dos recursos naturais e impacto climático adequado às necessidades sociais, e propiciar um sistema social inclusivo e seguro.

Há quem considere que estas utopias são muito interessantes mas que não tem nada a ver com o nosso dia-a-dia nos nossos museus e processos museológicos. O que é curioso é que algumas destas formas de construção de sistemas alternativos já estão a funcionar. Seja na forma de novas formas de negócios, na partilha de serviços (car-sharing, machinery-sharing), para não falar dos processos de hortas urbanas, a

autoconstrução, dos bancos sociais. Há várias formas de economia solidária, de base mutualista que tem vindo a emergir em vários lugares que mostra que a inovação social é algo que está em movimento na construção de uma transição, que está a questionar os modos de consumo de massa e a crença no crescimento infinito do consumo dos recursos.

É certo que não sabemos tudo o que está a acontecer. No entanto as nossas experiências colectivas já nos fazem entender que essa mudança, a construção da inovação é um processo que em grande parte necessita de um envolvimento social. Esse envolvimento exige espaço de encontro e experimentação. Uma condição que os processos museológicos permitem.

Mas esse desafio de inovação não é apenas um desafio aos processos museológicos. Sobretudo é um desafio à gestão dos equipamentos. Hoje sabemos o peso da factura energética nas instituições. Uma museologia inovadora, ao procurar respostas inovadoras para os problemas das comunidades poder encontrar soluções criativas e inovadoras que permitam criar alguma sustentabilidade nos seus próprios processos, ao mesmo tempo que a trazer para o campo dos processos museológicos questões globais, como por exemplo o modelo energético, a questão dos mercados financeiros, da soberania alimentar, das alterações climáticas, os problemas da água, os problemas da condição feminina ou dos direitos humanos, da violência sobre as minorias pode contribuir para gerar novas formas de acção local, pode criar formas de democracia participativa que conduzam a uma intervenção inovadora na comunidade. Uma museologia inovadora pode inclusive criar formas de democratização do acesso à informação.

Os desafios duma museologia inovadora

Qual é o lugar do conceito de Inovação Social no âmbito da museologia social continua a orientar esta nossa discussão. Conceito de Inovação Social prende-se com o tempo de mudança. Uma mudança acentuada das suas diferentes estruturas, das formas de legitimação do poder e dos processos de simbolização que lhe estão associados. Nas nossas sociedades, já claramente globalizadas, esta mudança está fortemente associada ao domínio tecnológico com base no modelo empresarial. Podemos dizer que uma das tensões que assistimos é a clara hegemonia das formas de regulação pelo mercado. Tudo passa a ser observado no âmbito da lógica do mercado, numa lógica de produção de bens para serem consumidos no mercado em função da lógica de oferta e procura.

No entanto a inovação social é um conceito que apresenta uma lógica para além do mercado. Que o transcende, pois inovação implica a criação do novo. De algo que se vindo do antigo é reaproveitado e se transforma em algo de novo.

A inovação social que queremos aqui relevar insere-se nos novos campos da abordagem do social procura a mudança social com base na satisfação das necessidades humanas, na inclusão e na participação de todos os membros das comunidades nos processos

sociais, e na criação de capacidades nos dos sujeitos, para que todos possam contribuir para o conjunto social. Do eu para o todo e do todo para o eu.

É uma abordagem que se insere na lógica a emancipação social, que procura uma alteração nas relações de poder através da colocação dos atores sociais em diálogo para criar compromissos de ação.

Qual e então a relação da museologia social com a inovação social é a questão que falta agora procurar responder. Como acima referimos a questão da conservação, campo com que a museologia trabalha, parece ser contraditório com o campo da inovação social. Vamos procurar demonstrar que, no trabalho da museologia social, não se verifica uma oposição entre conserva cultural e a criação da inovação na sociedade. A nossa tese é a de que esses são dois campos complementares da ação museológica. Um campo onde a conservação dos elementos mnemónicos (patrimónios e heranças) se relaciona, através dos processos de comunicação, com os elementos de inovação.

O Movimento Internacional para Uma Nova Museologia, que se constitui em Portugal em 1985 procurava criar um grupo de reflexão sobre os processos e as praticas duma museologia comprometida com as comunidades e com os territórios.

Tal sucedeu devido à vitalidade dessa museologia social, em grande parte herdada da intensa atividade dos movimentos sociais iniciado com o processo revolucionais de 25 de Abril de 1974. A museologia social em Portugal reuniu grande parte dos resultados da intensa atividade social que se desenvolveu em Portugal, o que em parte explica a vitalidade desse movimento neste país. Embora de intensidade diferente, ele acaba também por se verificar noutros países, acolhendo por exemplo as praticas no eco museus, nos museus comunitários no México, e mais recentemente no Brasil, onde os seus pontos de memória procuram captar a riqueza dos movimentos sociais.

Nos princípios orientadores desta nova museologia está a necessidade dos processos museológicos terem uma função social. Essa função social emerge no alargamento da noção de objeto museológico e a sua relação com as comunidades e com os territórios. Nesse domínio, da sua função social, não existem contradições com os objetivos da inovação social, distinguindo-se a museologia por alocar ao processo de inovação os objetos mnemónicos. Mas uma rápida passagem pela realidade desta museologia social, rapidamente se percebe que esse objetos mnemónicos colocados ao serviço da comunidade e do seu desenvolvimento, praticamente coincidem com as funções educativa, culturais, formativas e mesmo com os seus programas de economia social.

Parece portanto não existir uma oposição entre o campo de ação da museologia social e a inovação social. Parecem mesmo ser campos complementares que ganham em manter diálogos mais profundos. A teoria social tem vindo a evidenciar a natureza essencialmente comunicacional da ação social. Noutros lugares temos trabalhado a questão das narrativas como espaços de tensão dos poderes sociais (Leite, 2012). Quer a museologia social, quer a inovação social trabalham com a produção de narrativas sociais inclusivas.

Criar narrativas inclusivas parta da criação de evocações. A evocação é uma capacidade de gerar comunicação no espaço. A narrativa inclusiva, não procura apenas mostrar a diversidade dos olhares. Ele é também uma forma de colocar os atores face a face, procurar a dimensão humana do encanto e do encontro.

É nessa dimensão que a museologia social assume a sua capacidade de gera inovação social e gera um potencial de emancipação social. Essa capacidade de gerar transformação na comunidade, atuando sobre o individuo e sobre o coletivo, é um contexto onde se gera e se concretiza a inovação social.

Que modelos de teóricos para essa nova museologia é uma outra questão que valerá a apenas pensar para desenvolver as práticas de inovação Social. A atividade inovadora é uma atividade criativa. Na teoria das organizações, por exemplo em Henri Mintzberg chama a atenção para as virtudes adaptativas das organizações matriciais em situações de elevada turbulência, face aos modelos das organizações hierárquicas, centralizadas e com processos de decisão muito formalizados (Mintzberg, 1979). Sabemos que um sistema que suporta a atividade inovadora tem que ser um sistema aberto e integrador. A máxima "Empowering people for social change" agrega por exemplo as orientações da política social das Nações Unidas para 2015.^{iv} Os modelos organizacionais das organizações de inovação orientam-se pelos princípios da Co-criação, da coerência dos princípios, da aceitação do outro, da sustentabilidade e da flexibilidade.

A co-criação implica que todos os membros da comunidade são criadores de novas realidades. Essas realidades resultam de processos colaborativos e da criação de comunidades de prática.

A Coerência implica a consistência e a conformidade entre o que é dito e o que é feito. As comunidades de participação resultam da interação dos diferentes membros. Desse modo, o processo de decisão tem que ser coerente com as práticas e procurar harmonizar os fins com os meios.

A aceitação do outro implica um processo de enriquecimento pessoal que conduz à aceitação das diferenças entre os membros e no reconhecimento da diversidade dos saberes e dos olhares. Reconhecer a diversidade implica trabalhar o conflito como um processo criativo e reconhecer a dignidades e a liberdade de todos.

A sustentabilidade implica a procura dum novo paradigma de transição do modelo energético com base no carbono para modelos alternativos e a procura de alternativas de organização económica com base nas economias mutualistas, solidárias e populares. São modelos que procuram desenvolver processos produtivos que garantam a distribuição dos recursos alimentares com base na disponibilidade da natureza e no uso adequado nas capacidades e saberes disponíveis. Trata-se dum modelo em que se entende o mundo como uma realidade complexa, onde cada uma das nossas ações integra dimensões sociais, espirituais económicas, políticas e ambientais. A ação, nas suas diferentes dimensões afetam o ser e a comunidade.

Finalmente o princípio da flexibilidade, implica a que o modelo de organização e da ação tem que estar preparada para reagir aos resultados. O futuro não pode ser cristalizado numa ideia estática ou pré-definida. A prática gera uma riqueza de informação que deve ser incorporada a cada momento no processo. Os processos são fluídos e o crescimento é orgânico e não imposto na forma de modelo.

Tratam-se portanto de modelos de organizações que devem estar preparadas para acolher os processos de transformação que geram e de encontrar soluções para os novos problemas que surjam.

Práticas de inovação social na museologia em Portugal

Se o campo da inovação social e o da museologia social apresentam uma elevada convergência nas práticas de construção da emancipação social, na busca dos instrumentos de promoção social de desenvolvimento económico, em Portugal, estes dois campos tem permanecido distantes. Na museologia social pouco se fala de inovação social, e nas organizações de inovação social, embora se trabalhem as questões das memórias e dos patrimónios, pouca museologia social tem sido mobilizada.

Em Portugal a Inovação Social tem constituído mais um campo de práticas do que um campo teórico. Para promover a Inovação social é necessário investigação aplicada. Próximo dos movimentos sociais. São os atores sociais que promovem a Inovação Social e o Empreendedorismo Social. Há algumas razões para que tal suceda. Enquanto a museologia social se acantonou nas atividades dos museus e da reflexão teórica com base na universidade, as práticas de inovação social acabaram por atuar no campo das redes sociais.

Em ambos os casos, as práticas sociais desenvolvem-se num modelo que tem por base o financiamento do Estado. O Estado, no caso das organizações da rede social atua como financiador de diferentes projectos, por via de diferentes ministérios. No caso das organizações museológicas, na maioria dos casos, as organizações também acabam por se financiar pelo orçamento do Estado ou de organizações da esfera pública, na grande maioria dos casos por via dos orçamentos públicos da cultura.

No entanto, importantes diferenças existem no modelo das organizações sociais que atuam no campo do assistencialismo em relação com as organizações culturais. Enquanto no primeiro caso existe uma prática e uma tradição associativa, que dum modo mais ou menos intenso, o Estado articula a sua intervenção com outras formas de produção de Bem-estar social, seja ele o terceiro setor ou as organizações de previdência social, onde em Portugal coexistem múltiplos atores. Nas organizações que atuam na esfera da cultura tal já não se verifica, com a predominarem as organizações de natureza pública.

Por outro lado na rede social se verifica uma forte presença das redes familiares e das relações de compadrio, as redes cultura tem sido tradicionalmente implementadas a partir de ideias vindas do exterior. Não existe em Portugal a tradição do msues de

comunidade. Em Portugal, apesar da vitalidade das associações de cultura e recreio, existem problemas de diálogos entre atores, processos e objetivos da intervenção das organizações museológicas no campo da inovação social.

Uma das questões que normalmente se levanta no campo da função social dos processos museológicos é a capacidade que estes têm de gerar uma sustentabilidade interna através da produção de serviços à comunidade. Mais do que uma organização de produção de serviços, defendemos que os espaços museológicos ou os processos museológicos são espaços adequados às questões do empreendedorismo micro - social, ou das economias populares.

Sabemos que a prática social tende a privilegiar o empreendedorismo individual em detrimento social. Há quem argumente que esta fragilidade resulta duma certa morfologia social, mais dada ao individualismo das gentes. Não será este o local adequado para essa discussão. Mas é um facto que existem poucas estruturas para experimentar a incubação social, Por exemplo, nos Estados Unidos, nos Países do Norte da Europa, as universidades oferecem, no plano de estudos, espaços para incubação social. Em Portugal são raros, e quase sempre dedicados aos indivíduos.

No Brasil, por exemplo, a riqueza da vivência social está a permitir que as organizações sociais se constituem como espaços e intervenção na comunidade, gerando várias formas de organização inovadoras, algumas delas no campo da museologia. Veja-se por exemplo o caso do Museu de Favela Cantagalo.

Trata-se portanto de reinventar a emancipação social, num momento em Portugal em que o papel do terceiro setor está a ser reequacionado perante a greve crise económica e social. O desafio destas organizações sociais é a necessidade de passar da caridade para a cidadania e da dependência dos fundos públicos para a sustentabilidade. Neste domínio a museologia tem um papel a desenvolver no uso das memórias da comunidade para criar organizações de inovação social. O desafio é saber como mobilizar as pessoas para trabalhar na comunidade. A solução será provavelmente ter confiança nas pessoas e nos processos. Essa é a condição básica para gerar a inovação social. Ao museólogo social caberá encontrar argumentos e estar preparado para agir.

Bibliografia:

Adorno, Theodoro (2008). Teoria Estética. Lisboa, Edições 70

Arendt, Annah (2001). A Condição Humana, Lisboa, Relógio de Água, 406 páginas

Aristóteles, (1986) Poética, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 316 p

Bachelard, Gaston (1958). La Poétique de L'Espace, Paris, PUF

Desvallées, André (1992-4). Vagues: une anthologie de la nouvelle museologie. Paris:

Desvallées, André e Mairesse, François, (2010). Concepts Clés de Museologie, Paris, Armam Colim. (disponível em www.icom.museum)

- Freitas, Lima de e Morin, Edgar, Nicolescu, Besarab (1994). Carta da Transdisciplinaridade, Arrábida, Encontros da Arrábida/UNESCO
- Hobsbawn, Eric (1988) “Tradições Inventadas”, in Desporto e Sociedade, Lisboa, Direção Geral de Desportos, nº 80, 18 páginas
- Honnet, Axel (2011). Luta pelo Reconhecimento: para uma gramática moral dos conflitos sociais, Lisboa, Edições 70, 287 páginas
- Leite, P. P., 2012. Olhares Biográficos: A Poética da Intersubjetividade em museologia. Lisboa: Marca D'Água.
- Leite, P. P., 2013. Museologia, desenvolvimento e direitos humanos: campo emergentes da investigação-ação na globalização. Atas do VI encontro de Museus de países e Comunidades de Língua Portuguesa, Volume 1, pp. 123-136.
- Mayrand, Pierre (2009). Paroles de Jonas: augmentés com essais D'Altermuseologie. In Cadernos de Sociomuseologia, Lisboa Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, nº 31
- Mintzberg, H., 1979. The Structuring of Organizations: A Synthesis of the Research. London: Prince Hater House.
- Moutinho, Mário (2007). “Definição Evolutiva da Sociomuseologia” in XIII Atelier Internacional do MINOM, Lisboa (www.museologia-portugal.net/sociomuseologia)
- Pereira, Pedro Cardoso (2010). O Património perante o Desenvolvimento, Lisboa, Tese de Doutoramento em Museologia, ULHT
- Pereira, Pedro Cardoso (2011). A Cultura perante o Desenvolvimento, Lisboa, Pós-doutoramento em Cultura e Comunicação, Faculdade de Letras de Universidade de Lisboa
- Read, H., 2007. Educação pela Arte. Lisboa: Edições 70.
- SantoS, Boaventura de Sousa. (2002). A Crítica da Razão Indolente: Contra o desperdício da Experiencia, Porto, Edições Afrontamento, 373 páginas
- Santos, Boaventura de Sousa. (2006). A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política, , Porto, Edições Afrontamento, 359 páginas.
- Vigotsky, L., 2009. A Imaginação e a Arte na Infância. Lisboa: Relógio de Água.

ⁱ Ver http://www.forumpermanente.org/event_pres/encontros/icom-2013/videos/o-que-deve-acontecer-quando-voce-sai-do-museu (consultado em 25 outubro 2014).

ⁱⁱ <http://icom.museum/the-vision/museum-definition/>, (consultado em 25 de outubro 2014)

ⁱⁱⁱ Programa de Investigação no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra com apoio da FCT (SHRH/BPD/76601/2011).

^{iv} Ver <http://www.un.org/en/development/desa/news/social/empowering-people-for-social-change.html> consultado em 25 de outubro 2014